

A história da neoplasia trofoblástica gestacional no Brasil

The history of gestational trophoblastic neoplasia in Brazil

Paulo Belfort *
Angela Maria Baptista *

A Associação Brasileira de Neoplasia Trofoblástica Gestacional (SBNTG) foi criada em outubro de 1993, à ocasião do VI Encontro Brasileiro realizado em São Paulo, sob a presidência de Fauzer Abrão.

Dez anos antes, durante a presidência de Weydson de Barros Leal (1982-1985), a Federação Brasileira das Associações de Ginecologia e Obstetrícia (Febrasgo) criou comissões nacionais especializadas, dentre as quais a de Neoplasia Trofoblástica Gestacional (NTG) da qual foi Paulo Belfort o primeiro presidente.

A história brasileira da NTG tem, no entanto, origem mais remota, coincidindo com a criação da 33ª Enfermaria da Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro, em 1959, sob a chefia de Jorge de Rezende. Curiosamente, segundo relato de Bagshawe 2004¹, nesse mesmo ano foi realizada a primeira reunião mundial sobre NTG, auspiciada pela Academia de Ciências de Nova York, que resultou na criação, anos mais tarde, da *International Society for the Study of Trophoblastic Disease* (ISSTD).

Diversas coincidências contribuíram para a criação do Centro de NTG na Santa Casa do Rio de Janeiro. A primeira delas foi a existência do Departamento de Citopatologia e Anatomia patológica no âmbito da 33ª Enfermaria, sob a direção de José Maria Barcellos. Como é de geral conhecimento, Barcellos dedicou-se, desde o início da carreira, ao estudo da placenta, da patologia tocoginecológica e do trofoblasto. Sua afeição e intimidade com NTG foram consequências naturais. A segunda circunstância foi a atuação de Simão Coslovsky e o seu envolvimento com a Endocrinologia. Interessado e familiarizado com dosagens hormonais, logo ele se preocupou com o marcador biológico da patologia trofoblástica – a gonadotrofina coriônica humana (hCG). Na sequência de coincidências, instalara-se, naquele momento, na Santa Casa um laboratório de hormônios, cuja direção fora entregue a Ericsson Linhares, que instantaneamente aceitou o compromisso de dosar hCG urinário. A técnica de dosagem, então utilizada por Linhares, era a de Linhares e Ferreira e, pouco mais tarde, a de Frank e Berman, provavelmente inespecíficas e pouco sensíveis, a julgar pela rápida e mais que frequente normalização dos níveis de hCG nas pacientes dos anos 1960.

A primeira paciente com mola hidatiforme registrada nos arquivos do Centro de NTG da Santa Casa, em 1960, foi uma jovem nulípara de 19 anos, que após o esvaziamento uterino, mercê do nosso então desconhecimento, recebeu alta, sendo despachada sem seguimento. Retornou dois anos mais tarde, com a doença em avançado estado de evolução, metástases generalizadas, vindo a falecer por insuficiência respiratória, poucos dias após a hospitalização.

* Associação Brasileira de Neoplasia Trofoblástica Gestacional
Endereço para correspondência: Instituto Roy Hertz – Avenida das Américas, 3.939 – bloco I, conjunto 216 – Barra da Tijuca – Rio de Janeiro (RJ), Brasil – Telefone e Fax: (021) 3325-6643 – E-mail belfortp@uol.com.br

Era, à época, a 33ª Enfermaria devotada à gestação de alto risco, em razão do qual novos casos de neoplasia trofoblástica passaram a ser encaminhados ao Serviço. Na primeira década, entretanto, foi pequeno o número de pacientes atendidas: 61 apenas. Mesmo assim, mercê do clima de febril atividade clínica e científica que então vivia a Enfermaria, o caso provocou consternação e despertou interesse geral, particularmente de Belfort, que decidiu criar ambulatório especificamente destinado ao atendimento dessas pacientes. O conhecimento teórico, logo havido, transformou-se em saber de experiência feito, prestando-se para bem atender e acompanhar as pacientes com mola.

Fruto da experiência inicial, Belfort et al.² publicaram o primeiro trabalho sobre NTG intitulado “A incomum localização cervical do coriocarcinoma”, relatando caso de paciente que fora submetida a diversos raspados uterinos em Maternidade de Pronto Socorro no Rio de Janeiro, sem que o material obtido fosse enviado a exame histopatológico. Na derradeira curetagem foi realizada biópsia da lesão vegetante que se exteriorizava através do canal cervical quando, então, foi estabelecido o correto diagnóstico de coriocarcinoma. A paciente foi submetida a quimioterapia pelo metotrexate e sobreviveu.

Em julho de 1969, foi publicado por Belfort et al.³ o segundo artigo científico do grupo do Rio, intitulado “Coriomas”, ainda sem casuística, revelando, porém, a evolução de conhecimentos que então acumulara.

Precederam essa publicação do Centro de NTG da Santa Casa do Rio de Janeiro, estampadas na mesma Revista dois anos antes, em 1967, (Lima et al.)⁴ na seção intitulada “GO na prática” perguntas sobre “Diagnóstico e vigilância na prenhez molar” respondidas por Geraldo Rodrigues Lima (SP), Hermes Viçosa (RS) e Sebastião Piatto (SP), especialistas renomados que, entretanto, se não dedicaram ao estudo dos “coriomas”... Lê-se, com efeito, em uma resposta “que o diagnóstico é quase sempre revelado pela própria expulsão das vesículas” deixando entrever que, nesses tempos, diagnóstico precoce de mola e ultrassonografia eram ainda quimera. Com efeito, a quase totalidade dos casos por nós atendidos nessa década eram diagnosticados à ocasião do abortamento espontâneo, sendo macroscópica a identificação da mola. O seguimento era igualmente impreciso e inconstante e a quimioterapia, incipiente.

O interesse pela neoplasia trofoblástica no Brasil foi, a bem da verdade, anterior ao nosso, embora sem o caráter organizacional que lhe imprimimos. Martiniano Fernandes em Recife, na Maternidade da Encruzilhada relata, com efeito, em 1957, experiência de 51 casos de mola hidatiforme encontrados num total de 54.646 pacientes registradas naquele Serviço, publicando na Revista de Ginecologia e D’Obstetrícia trabalho intitulado “Mola hidatiforme. Alguns dos seus problemas histopatológicos e clínicos” (Fernandes e Marques)⁵.

Merece igualmente cita o trabalho de Pellanda de Porto Alegre⁶ propondo diagnosticar precocemente mola mediante exame citopatológico do esfregaço vaginal.

Data de 1968 a primeira participação internacional do Centro de NTG da Santa Casa do Rio, por meio da inclusão de capítulo intitulado “Coriomas. Sobre uma experiência de 40 casos” no livro homenagem ao Professor Doutor Pedro da Cunha, de Lisboa, Portugal (Belfort et al.)⁷.

É fato histórico, por todos reconhecido, que a ideia de criar outros centros brasileiros de referência para o atendimento das portadoras de neoplasia trofoblástica surgiu em decorrência da experiência acumulada no Centro pioneiro da Santa Casa.

O segundo Centro foi o do Paraná, criado por Bruno Grillo em 1965 e por ele até o presente dirigido. Intitula-se Núcleo de Atendimento de NTGs, sediado no Hospital

de Clínicas da Universidade Federal do Paraná (Serviço Universitário de Graduação e Pós-graduação) vindo, a seguir, o de Goiânia, implantado por Mauricio Viggiano em janeiro de 1970, localizado inicialmente no Hospital Geral de Goiânia até 1991 e, após, no Hospital Materno Infantil de Goiânia até 2004; encontra-se, atualmente, na Maternidade Escola da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Goiás.

Viggiano conheceu Belfort em 1967, em Brasília e, tomando conhecimento do desenvolvimento do Centro Especializado da Santa Casa do Rio de Janeiro, não hesitou em, poucos anos depois, criar o Centro de Referência de Goiânia.

No final dessa década, Chagas Oliveira conheceu Mauricio Viggiano, no Congresso Brasileiro de G&O, em Fortaleza, sendo por este incentivado a criar o Centro cearense de NTG. Chagas já se dedicava às pacientes de mola quando foi nomeado diretor da Maternidade Escola Assis Chateaubriand (MEAC) em 1985, logo instalando nas suas dependências o Centro de Referência do Ceará. Relato do próprio Hospital sinala que: “A Maternidade-Escola Assis Chateaubriand – MEAC – desenvolve pesquisas orientadas pelo seu corpo docente. A pesquisa tem se cingido a indagações clínicas de algumas patologias que intercursam no período gestacional. Entre essas patologias vale ressaltar a NTG, cuja incidência alta inspirou a criação do Centro Regional de Neoplasia Trofoblástica Gestacional que hoje, pela sua importância e capacitação técnica, é um dos vanguardeiros em todo o país no estudo de tão complicada patologia”.

Chagas, durante o período que dirigiu a MEAC (1985-1999), criou uma enfermaria exclusivamente destinada a receber as pacientes de “mola”, expandindo significativamente a cobertura assistencial às mulheres do Ceará portadoras da doença. Todas as vezes que visitamos o seu Serviço, além de desfrutar do privilégio de sua prosa jocosa e fluente, comprovamos a maneira humanizada e tecnicamente correta com que assistia essas desvalidas pacientes.

Em 1972 Chagas conheceu, na Bahia, Fauzer Abrão, já então famoso cancerologista e cirurgião do Hospital AC Camargo onde há muito cuidava e operava as pacientes com NTG de alto risco. Prova do seu envolvimento com a doença escreveu tese de Mestrado na Universidade Federal de São Paulo, Unifesp, sobre neoplasia trofoblástica intitulada: “Neoplasia Trofoblástica Gestacional Metastática. Tratamento Poliquimioterápico com Alternância de Drogas”.

De tanto repetir informações sobre NTG para as pacientes atendidas no CR da Santa Casa do Rio de Janeiro, e em parte por solicitação delas próprias, decidiu-se elaborar cartilha contendo os elementos essenciais ao entendimento da doença para leitura, delas, da família e da comunidade. A primeira edição veio à luz em 1974 e a última – a quinta – em 2003, tendo, cada uma delas, diferente patrocinador. A cartilha, apelada “ABC da mola”, foi reproduzida e distribuída em diversos outros centros de referência do país. Recentemente, à ocasião do XIII Congresso Brasileiro de NTG, realizado no Rio de Janeiro em agosto de 2007, Viggiano distribuiu versão “luxuosa” do “ABC” confeccionado em Goiânia.

José Mauro Madi, que fora discípulo de Belfort e chefe de equipe na 33ª Enfermaria da Santa Casa do Rio de Janeiro, onde já se dedicara à neoplasia trofoblástica durante vários anos, transferiu-se em 1978 para Caxias do Sul. Nessa rica cidade industrial tornou-se professor titular de GO da Universidade de Caxias do Sul onde fundou, em 1979, o Centro de NTG de Caxias do Sul apelado Ambulatório de Atendimento às Pacientes Portadoras de Patologias do Trofoblasto. Sua sede é o Ambulatório Central e Hospital Geral da Universidade de Caxias do Sul. Com apoio da Universidade Madi tem tido oportunidade de desenvolver pesquisas científicas em citometria digital

documentados seus primeiros resultados na publicação “Prognóstico da Mola Hidatiforme pela Citometria Digital”.

Nos anos seguintes, a comunidade trofoblástica brasileira foi se ampliando, mercê da migração para outros Estados de ex-assistentes do Centro de NTG da Santa Casa do Rio e do encontro casual, em conclave científicos da FEBRASGO, daqueles que se tornariam criadores e diretores dos diversos centros de referência do país.

Em 1980 foi editado o primeiro livro-texto brasileiro sobre o tema ainda nomeado “corioma”. O livro, cujos autores são Jorge de Rezende, Paulo Belfort e José Maria Barcellos, foi editado pela Editora Manole. Lê-se no prefácio do livro, com efeito, que a “monografia está apoiada em 500 casos tratados na 33ª Enfermaria da Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro”.

Presidindo a Comissão Nacional Especializada de NTG da FEBRASGO, Belfort organizou e realizou o I Encontro Brasileiro sobre Neoplasia Trofoblástica Gestacional, no Rio de Janeiro, em outubro de 1984, comemorativo do 25º Aniversário da 33ª Enfermaria da Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro.

Desse encontro pioneiro participaram eminentes especialistas, nem todos, entretanto, devotados prioritariamente à neoplasia trofoblástica e, outros, exercendo especialidades diversas. Contribuíram cientificamente Ericsson Linhares e Adriano Cruz Ferreira falando de dosagens hormonais; Euderson Tourinho e Carlos Montenegro, de ultrassonografia; Antonio Uchoa e Felipe Mattoso, de radiologia; Barcellos e Yara Ximenes, de histopatologia e citologia, Rosaly Costa de Brasília e Italo Baruffi de Ribeirão Preto.

Conquanto ainda sem cronologia definida, decidiu-se realizar periodicamente futuros encontros. Seguiu-se, pois, o II Encontro em Caxias do Sul (RS) em junho de 1985 sob a presidência de José Mauro Madi. Esse evento contou com a presença de Ross Berkowitz do *New England Gestational Trophoblastic Disease Center*.

Em novembro de 1984, Belfort e Viggiano participaram do II Congresso Mundial de NTG, realizado em Cingapura sob a presidência de Bagshawe. Belfort apresentou dois trabalhos relatando experiência do centro de NTG do Rio de Janeiro. Durante o evento Belfort e Viggiano propuseram o Rio de Janeiro para sediar o III Congresso Mundial, sendo a oferta prontamente aceita. Em consequência, Belfort foi indicado para presidir esse conclave mundial e a Sociedade Internacional para o Estudo da Doença Trofoblástica (ISSTD). O Conclave aconteceu no Rio de Janeiro, no Hotel Sheraton, de 26 a 28 de outubro de 1986, com a participação dos mais renomados mestres da especialidade. Bagshawe, historiando a criação da ISSTD, refere-se ao Congresso do Rio de Janeiro com calorosas palavras de agradecimento.

Em 1985, foi fundado o Centro de Referência de Brasília, por Rosali Rulli Costa. Pouco tempo depois, o Centro de Brasília passou à responsabilidade de Angel Parras e Parras. Atualmente, o CR de Brasília é dirigido por Paulo Kalume, estando fixado na Unidade de Ginecologia e Obstetrícia do Hospital Regional da Asa Norte (HRAN).

Dois anos mais tarde, em fevereiro de 1987, surgiu o Centro de Referência de NTG de Santos, fundado por Carlos Nicola Abamonte, implantado no Hospital Guilherme Álvaro e Faculdade de Ciências Médicas de Santos e Centro Universitário Lusíada (Unilus). São seus diretores José Roberto Del Sant e Eduardo Silveira.

Com o objetivo de expandir conhecimentos e de criar novos polos de NTG, levou-se o 3º Encontro Brasileiro de Neoplasia Trofoblástica Gestacional para a Bahia. Luiz Machado, presidente do Congresso, consorciou-o com o 1º Seminário de Avaliação

das Patologias do 1º Trimestre da Gravidez. O Congresso foi realizado em Salvador, em dezembro de 1987.

Naquele mesmo ano, Belfort e Viggiano publicaram “Protocolo de Tratamento da Neoplasia Trofoblástica Gestacional” com o patrocínio da Sociedade Brasileira de Cancerologia, por esta distribuído em todo o território nacional.

O IV Encontro Nacional sobre NTG aconteceu em Fortaleza, em agosto de 1989, sendo organizado pela Comissão Nacional de NTG da FEBRASGO, patrocinado pela Maternidade Escola Assis Chateaubriand da Universidade Federal do Ceará e Sociedade Cearense de Ginecologia e Obstetrícia, sob a presidência de Chagas Oliveira.

O V Encontro Nacional teve como palco Curitiba, sendo realizado em outubro de 1992, presidido por Bruno Grillo.

À ocasião do VI Encontro realizado em São Paulo, foi criada a Sociedade Brasileira de NTG, em razão do que se mudou a designação para Congresso. Foi eleito, por aclamação, seu primeiro Presidente Paulo Belfort.

Nesse evento em que todos os membros fundadores da Sociedade Brasileira de NTG achavam-se presentes, Angela Baptista apelou o grupo de “família trofoblástica” mercê da amizade, fraternidade, união e espírito de solidariedade que sempre tiveram.

O VI Congresso Brasileiro de NTG foi realizado em São Paulo (SP), de 10 a 12 de outubro de 1993, sob a presidência de Fauzer Abrão.

A partir da criação do Sociedade Brasileira de NTG foi estabelecida cronologia bianual para a realização dos futuros Conclaves. Assim, o VII Congresso, presidido por Belfort, teve lugar em Petrópolis (RJ) em abril de 1995 sob o patrocínio da Regional Serrana da Sociedade de Ginecologia e Obstetrícia do Rio de Janeiro, da Sociedade Médica de Petrópolis, da Comissão Nacional Especializada de NTG da FEBRASGO e do Instituto Roy Hertz.

À ocasião do VII Congresso, Elza Uberti e Maria do Carmo Fajardo de Porto Alegre, juntaram-se ao grupo, fazendo sua primeira aparição nos nossos conclaves. O Centro de Referência de Porto Alegre fora por elas criado, dez anos antes (1985), estabelecido na Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre (Hospital Geral Santa Clara) Serviço Universitário da Fundação Faculdade Federal de Ciências Médicas de Porto Alegre. Doutora Uberti tornou-se a primeira especialista de NTG a se dedicar, com exclusividade, na vida acadêmica, à neoplasia trofoblástica.

Em 1995, foi publicado o segundo livro-texto sobre NTG, pelas Editoras Colina e Revinter, sendo editores José Mauro Madi e Bruno Maurizio Grillo. Além do regozijo proporcionado aos aficionados da neoplasia trofoblástica, o livro foi muito bem recebido no cenário médico nacional.

Em 1996, Neila Dahas, que militara durante largo período no CR do Rio de Janeiro, na 33ª Enfermaria, onde fora igualmente chefe de equipe, retornando ao Pará inaugurou, em Belém, o Centro de NTG “Ambulatório de Mola da Fundação Santa Casa de Misericórdia do Pará” sediado no Hospital da Fundação Santa Casa de Misericórdia do Pará. Embora tenha vida curta, o centro paraense já ostenta encorpada experiência mercê, tudo faz crer, das precárias condições socioeconômicas das mulheres paraenses que as torna suscetíveis à insidiosa doença.

Ao VIII Congresso Brasileiro de NTG realizado em Valença, Estado do Rio de Janeiro, em setembro de 1997, presidido por Belfort, associou-se o I Encontro de Ginecologia e Obstetrícia de Valença, tendo como patrocinadores as disciplinas de

G&O da Faculdade de Medicina de Valença, o Centro de Ensino e Pesquisa dessa Faculdade e a Comissão Nacional de NTG da FEBRASGO.

Foi nesse conclave do sul fluminense que a Sociedade de NTG se viu enriquecida com a incorporação de mais um ilustre membro, Eduardo Silveira, oncologista que há muitos anos militava no CR de Santos que fora criado, consoante aludido, em 1987.

De volta a Caxias do Sul, sob a presidência de Madi, em setembro de 1999, realizou-se o IX Congresso Brasileiro de NTG em parceria com o I Encontro de G&O da Universidade de Caxias do Sul.

Naquele mesmo ano, o tema NTG emprestou relevo à celebração científica dos 40 anos de atividades da 33ª Enfermaria da Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro, ocorrida em 22 e 23 de novembro, com mesa redonda da qual participaram Belfort, Viggiano, Grillo e Madi.

Prova da internacionalização brasileira em neoplasia trofoblástica, Belfort e Viggiano, em 2001, participaram de protocolo multinacional incluindo, além do Brasil, Hong Kong, México, Japão, Reino Unido e Estados Unidos intitulado “Estudo para avaliar a possibilidade de utilizar DNA extraído de molas hidatiformes anônimas, monospérmicas, para identificar polimorfismo de nucleotídeos simples em genes candidatos”. O protocolo foi patrocinado por Variagenics Inc., empresa norte-americana com sede em Massachussets.

Em julho de 2001, foi celebrado o X Congresso Brasileiro de NTG, novamente em Valença, consorciado ao I Encontro de Ginecologia Oncológica do Vale do Médio Paraíba, em organização da Sociedade Brasileira de NTG e da Sociedade Brasileira de Ginecologia Oncológica (Sobragon), tendo o patrocínio da FEBRASGO, da Sociedade de Ginecologia e Obstetrícia do Rio de Janeiro e da Fundação Dom André Arcoverde. Presidiu os eventos Paulo Belfort.

O Centro de NTG de Botucatu foi criado em 1990, e sua diretora Izildinha Maestá foi acolhida pelo experiente oncologista clínico Professor Odair Michelin. O CR de Botucatu foi sediado no Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Botucatu da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP (CDT – Botucatu – UNESP).

Em São Paulo, no Hospital das Clínicas da Universidade de São Paulo (USP), Koji Fushida coordena o Centro de Referência; na Escola Paulista de Medicina a responsável é Sue Yazaki Sun. O Centro de NTG da Bahia tem como referência Olívia Lúcia Nunes Costa, que vem se dedicando ao tema e tem participado dos últimos Congressos. Sua sede é a Maternidade Clímério de Oliveira da Universidade Federal da Bahia. Em Natal, Maria do Carmo Melo coordena o atendimento às pacientes com NTG. Maria do Carmo escreveu, em 1977, monografia intitulada “Coriomas Avaliação da Conduta Terapêutica. Trabalho elaborado para o concurso de Professor Assistente na Disciplina de Clínica Obstétrica do Departamento de Tocoginecologia do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. A Paraíba já teve em Delosmar Mendonça seu representante com encorpada experiência, mas ele – ao que se saiba – renunciou sem deixar sucessores. Em São Luís, Marília da Graça Martins vem desenvolvendo esforços para dar vida ao Centro de Referência do Maranhão. Em Aracaju, Safira Barcellos criou e desenvolve o mais novo centro de referência de DTG.

O XI Congresso Brasileiro de Neoplasia Trofoblástica Gestacional foi realizado em parceria com a 29ª Jornada Goiana de Ginecologia e Obstetrícia, em Goiânia, em agosto de 2003, sob a presidência de Mauricio Viggiano.

Em abril de 2005, Eduardo Silveira organizou e presidiu o XII Congresso Brasileiro de NTG, realizado em Santos, em conjunto com a III Jornada de Obstetrícia e Ginecologia da Associação de Obstetrícia e Ginecologia do Estado de São Paulo (Sogesp).

O XIII Congresso Brasileiro de NTG foi realizado em agosto de 2007, no Rio de Janeiro, sob a presidência de Belfort. Durante o conclave foi lançada a mais completa obra escrita em língua portuguesa sobre NTG intitulada “Neoplasia trofoblástica gestacional. Controvérsias”. São seus Editores Belfort, Madi, Grillo e Viggiano e a Editora, Rubio.

Em 2009 foi realizado, no Rio de Janeiro, o derradeiro evento da especialidade: o XIV Congresso Brasileiro de NTG que, pela primeira vez em toda a longa história da SBNTG, teve parcial patrocínio de uma entidade governamental – a Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa no Estado do Rio de Janeiro (Faperj). Esse Congresso contou com a expressiva participação do Professor Ernest Kohorn, da Universidade de Yale, e um dos mais prestigiados membros da Sociedade Internacional para o Estudo da Doença Trofoblástica (ISSTD).

Diversos outros especialistas brasileiros têm escrito sobre NTG, especialmente Jurandir Moreira de Andrade, de Ribeirão Preto.

O ideal perseguido e por todos desejado é a criação do registro Nacional de NTG reunindo a experiência brasileira para divulgá-la no mundo; porém, muito ainda falta. Para expressar a incidência nacional de NTG seria preciso, além de informações epidemiológicas confiáveis, que cada Estado tivesse o seu Centro de Referência e contabilizasse a sua experiência. As regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste estão bem representadas; a região Norte, à exceção do Pará, não tem expressão.

Não obstante, alguns progressos vêm sendo alcançados para dar visibilidade à neoplasia trofoblástica no país. No Rio de Janeiro foi criada a lei nº 3.031/2005, por iniciativa do Deputado Roberto Dinamite, estabelecendo o programa de apoio às mulheres com NTG. O Instituto Roy Hertz, organização não-governamental que apoia e subsidia a NTG no Rio de Janeiro, também por decreto, foi guindado a órgão de utilidade pública pela lei nº 4.732, de 21 de março de 2006, pela governadora Rosinha Garotinho.

Trabalha-se, presentemente, no reconhecimento governamental da neoplasia trofoblástica gestacional para que os índices do Ministério da Saúde e do Banco de dados do Sistema Único de Saúde (DATA-SUS) traduzam a realidade nacional da doença.

Leituras suplementares

1. Bagshawe KD. History of the International Society for the Study of Trophoblastic Disease. *J Reprod Med.* 2004;49:627-9.
2. Belfort P, Barcellos JM, Castro JM, Castellar D. A incomum localização cervical do coriocarcinoma. *Rev Ginecol Obstet.* 1965;116:57-61.
3. Belfort P, Rezende J, Barcellos JM, Coslovsky S, Linhares E. Coriomas. *GO (Revista de Atualização em G&O)* 1969 (julho):6-29.
4. Lima GR, Viçosa H, Piato S. Diagnóstico e vigilância na prenhez molar *GO (Revista de Atualização em G&O)*. 1967;(junho)64-9.
5. Fernandes M, Marques C. Mola hidatiforme. Alguns dos seus problemas histopatológicos e clínicos. *Rev Ginecol Obstet.* 1957;100:741-56.
6. Pellanda EB. Diagnóstico e tratamento precoces da mola hidatiforme. *Rev Ginecol Obstet.* 1959;104:31-40.
7. Belfort P, Rezende J, Coslovsky S, Linhares E, Barcellos JM. Coriomas. Sobre uma experiência de 40 casos *in* Livro homenagem ao Professor Doutor Pedro da Cunha no seu Jubileu. Lisboa; 1968.